
O Homem em face da Angústia e em busca do Sentido Existencial Cristão

Man in the face of anguish and the seek for the Christian Sense of Existence

Messias Nunes Correia¹

Resumo: O artigo aborda o pensamento do filósofo dinamarquês Soren Abye Kierkegaard e traz uma análise e compreensão do homem enquanto um ser de possibilidade, por estar imbuído de um devir constante que se evidencia frente a si mesmo. Deste modo, o indivíduo percebe-se como único e capaz de escolher e de sofrer as consequências das suas próprias escolhas e, por isso, o homem se apresenta como inevitavelmente angustiado. Demonstrem-se, por conseguinte, os estágios da existência e sua relação com o Cristianismo, contrapondo-se o homem natural ao sobrenatural. Objetiva-se a condução e percepção concreta do homem com sua subjetividade e abertura ao Absoluto.

Palavras-chave: Angústia; fé; Cristianismo.

Abstract: The article discusses the thought of the Danish philosopher Soren Kierkegaard Abye and offers an analysis and understanding of man as a being of power, by being imbued with a constant becoming that evidence against himself. Thus, the individual is perceived as unique and able to choose and suffer the consequences of their own choices and, therefore, the man introduces himself as inevitably anguishing. It is shown, therefore, the stage of existence and its relation to Christianity, opposing the natural man to the supernatural. The purpose is to conduct and concrete perception of the man with his subjectivity and openness to the Absolute.

Keywords: Anxiety; faith; Christianity.

Introdução

Este trabalho tem a finalidade de contribuir para a compreensão do ser humano a partir do pensamento filosófico de Kierkegaard. Nascido em Copenhague em 5 de maio de 1813 e vindo de uma família com forte influência religiosa, com formação luterana e marcado pela educação austera do seu pai Michael Pederson Kierkegaard, o filósofo cresceu num contexto de disciplina e instruído na observância da fé. Destacou-se por sua capacidade intelectual, no desenvolvimento argumentativo, embora, fosse de uma personalidade introspectiva e, muitas vezes, desajeitada. Alguns pensadores tendem a afirmar que Kierkegaard não é um filósofo como os tradicionais, pois seus argumentos não são rigorosos

¹ Mestrando em Letras Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista FAPESB. Especialista em História do Brasil e Licenciado em História (UESC). E-mail: messiasnc@hotmail.com.

em premissas e conclusões, e especialmente, marcados pela sua própria experiência de fé. Toda sua arguição tem como objetivo responder às questões, que ora se aproxima da filosofia, psicologia e teologia, porém, de modo geral, é sobre a existência do ser humano que ele busca problematizar, sobretudo, por ser este angustiado, mas que vive a todo instante a possibilidade de dar um salto à transcendência e estabelecer uma relação de síntese com o Absoluto. Assim, no primeiro momento, apresenta-se o homem no que diz respeito a um *voltar-se a si*, ou uma conscientização com seu próprio eu, numa busca da singularidade e individualidade. Em seguida, trata-se sobre os estágios da existência e sua afinidade à fé cristã.

Portanto, todas estas questões a serem analisadas, centram-se nas escolhas que o indivíduo deve fazer, mas que por fim, sua felicidade consiste em escolher a Deus tendo como referencial Jesus Cristo, modelo de obediência e paciência frente às adversidades.

1. A concepção do homem enquanto existente

A existência humana no pensamento kierkegardiano perpassa pelo itinerário do ser indivíduo que se manifesta numa compreensão de possibilidades. O homem em seu modo de existir encontra-se inserido numa dimensão de relação e, neste aspecto, testifica-se que a relação humana se concretiza nas seguintes vertentes: relação consigo mesmo, ou seja, com seu próprio eu, o mundo e com Deus. Diante disso, e com o objetivo de elaborar um pensamento filosófico e religioso, Kierkegaard estabelece a importância do autoconhecimento, de um retorno do indivíduo à sua interioridade. É o que ele denomina de um *voltar-se a si*, de um encontro com seu próprio eu. “O eu não é a relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si próprio, o conhecimento que ele tem de si próprio depois de estabelecido” (KIERKEGAARD, 1974, p. 337). Este voltar-se para si permite ao homem a percepção das suas indigências e probabilidades. No encontro com seu próprio eu, depara-se com sua condição de ser mutável, de sujeito que tem diante de si, o que ele é e o que deseja ser. Segundo o filósofo, “O homem é uma síntese de finito e infinito, de temporal e eterno, de liberdade e necessidade, é em suma uma síntese” (KIERKEGAARD, 1974, p. 337). Nesta perspectiva, no ser humano resume em si todas as realidades, sejam estas visíveis e invisíveis, materiais ou espirituais.

Numa relação de dois termos a própria relação entra com um terceiro, como uma unidade negativa, e cada um daqueles termos se relaciona com a relação, tendo cada um existência separada no seu relacionar-se com a relação, assim acontece com respeito a alma, sendo a ligação da alma e do corpo uma simples relação. Se pelo contrário, relação se conhece a si própria, esta última relação, que se estabelece é um terceiro termo positivo, e temos então um e (Idem).

Partindo da análise destes dois termos e conhecendo o eu enquanto relação, o ser finito encontra-se situado na história, porquanto sujeito às intempéries, ao desequilíbrio e mudanças temporais. É alguém que precisa estar constantemente fazendo escolhas, uma vez que estas são inevitáveis para sua realização e, é justamente nisto que consiste a liberdade, é o indivíduo que opta, que assume a sua decisão. Aliado com esta necessidade e liberdade, depara-se com sua situação de vislumbrar ou desconhecer, de construir ou destruir, de conquistar ou perder, de planejar ou fracassar, pois tudo isso é meramente possibilidade, e entre o desejo e a concretização há sempre um sentimento do nada, já que aquilo que lhe é possível ainda não é

real. Esta experiência é sem dúvida angustiante. Por outro lado, quando o possível deixa de ser possível e se torna real, a angústia se faz presente, uma vez que temos a perda do conquistado, e até mesmo conjecturamos uma nova perspectiva que também angustia.

Outro imperativo importante elucidado neste pensamento é que não pode haver verdadeira compreensão humana descartando sua construção para o infinito, ou seja, para a eternidade. O retorno a si o conduz à consciência de que toda sua autêntica existência sintetiza estes princípios numa ligação com Deus. O homem kierkegaardiano só poderá ser pensado a partir da prerrogativa que o difere dos demais seres e não se pode refletir sobre este, sem considerar sua existência individual. Ele traz a unicidade situada de maneira irrepetível na história, sendo ele o que constrói sua vida, que responde dando significado e enaltecendo a sua própria existência. Assim, o sistema e as aspirações universais não podem de modo algum se justapor a este direito inalienável do ser indivíduo. Kierkegaard faz uma crítica à massificação humana, que despreza sua pessoalidade, uma vez que não considera questões fundamentais da interioridade do indivíduo. Essa crítica consiste em evidenciar e priorizar seus aspectos e a relação com sua real condição. Deste modo, o indivíduo é inevitavelmente sujeito às paixões, aos desejos, às alegrias, tristezas e angústias, e negar esta dimensão é descaracterizá-lo. Assim, a universalidade subtrai o homem, uma vez que ofusca a sua identidade. “Ousamos ser nós próprios, ousamos ser indivíduos” (KIERKEGAARD, 1974, p. 22). Predomina neste convite a busca da autenticidade subjetiva, de uma rejeição à predeterminação do que lhe é alheio, de opiniões fundamentadas em pensamentos subjetivos que contrariam a consciência do indivíduo, ou seja, a busca da individualidade é, por assim dizer, a construção sofrida, angustiante, é o assumir a liberdade e pôr-se como agente consciente do seu existir. Deste modo, a singularidade consiste no ordenamento para a relação interior, para a subjetividade, isso implica numa análise que desvela a relação primordial com o Transcendente. O homem singular é autêntico por sua relação com Deus e para que isso aconteça é imprescindível que o homem não fuja do seu eu, que ele não se atenha a outras questões em detrimento da sua individualidade e este voltar-se a si, de modo algum é estar alienado dos problemas que afetam a humanidade, mas, defrontando-se com sua própria particularidade, o indivíduo torna-se apto para posicionar-se numa relação com o todo.

O que é melhor para o indivíduo, será também, finalmente, melhor para a humanidade. Quem quer que examine o filme desenrolado da sua própria existência ou da consciência humana como um todo e sem preconceitos, verá que é irrefutável essa verdade. E se o indivíduo só pode alcançar a verdadeira felicidade seguindo um modo de vida melhor, a sociedade só assim logrará alcançá-la se seguirem caminhos mais fáceis, os resultados serão provavelmente menores (BRUNTON, 1970, p. 22).

Não é difícil adentrarmos no fator histórico para percebermos que a análise de Brunton endossa todo o discurso kierkegaardiano. A contemporaneidade marcada pelo progresso tecnológico, pelo desenvolvimento das ciências psicológicas, da psiquiatria, do estudo sistemático para responder ao homem em sua problemática, não tem sido capaz de banir, ou até mesmo de amenizar as grandes questões fundamentais da existência humana. A sociedade, como nunca, está situada em constantes conflitos, sejam estes em níveis de guerras, de corrupção, suicídios e tantas outras mazelas que indicam o que lhes é anterior, ou seja, o afastamento do seu verdadeiro eu, de sua interioridade que se relaciona com Deus.

Podemos afirmar que apesar de todos os méritos adquiridos nos diversos campos do saber humano, existe um processo contínuo de massificação, no qual se sobressai à alienação da consciência do eu singular. “O conflito exterior, que afeta materialmente a humanidade, condiz com o conflito interior, que lhe perturba o eu subconsciente” (BRUNTON, 1970, p. 58). Parte, portanto, de uma compreensão profunda da interioridade, para enfim, se chegar à relação com o Ser Absoluto.

2. Os estágios da existência e o Cristianismo

Para analisarmos corretamente sobre esta temática, é imprescindível esclarecer os três estágios apresentados por Kierkegaard. São estes: Estético, Ético e Religioso. Vale ressaltar que a permanência do homem nestes estágios, está de certo de modo subjugado ao seu poder de escolha. O indivíduo poderá escolher transpor ou permanecer nos estágios. Porquanto, não é o estágio que muda em si, mas a opção que exerce a força desta mudança.

No estágio Estético, o homem que anseia por uma resposta capaz de dar um sentido para sua vida, equipara-se com sua dimensão hedonista, com seus sentimentos, com uma pulsão para o prazer que o domina. Nesta situação, o indivíduo encontra-se numa busca de momentos que possam satisfazê-lo e, assim, pode-se notar um envolvimento com o que é, por demasia, superficial e passageiro. Então, o homem esteta está entregue ao prazer, apresenta-se numa postura de exaltação frente aos demais, é ele, contudo, o centro das atenções, aquele que detém o poder de sedução, que domina como presa o objeto desejado. “Em cada mulher o que ele deseja é a feminilidade completa e esta idealização sensual que projeta sobre a vítima é a razão de sua vitória” (MENSNARD, 1991, p. 46). Porém, é inegável a presença de um grande vazio, de uma angústia por não encontrar no prazer o sentido verdadeiro de sua própria vida.

O estágio estético na continuidade quase que completa do indivíduo com o imediatismo da natureza da qual não consegue distanciar-se. Permanece sob a dominação completa dos sentidos e dos sentimentos. Sente que pelo menos idealmente e capaz de tudo, é capaz de infinita subjetividade. Mas na verdade só consegue construir um mundo ilusório que é negado pelos critérios da própria subjetividade (RANSOM, 1975, p. 16).

O indivíduo não consegue discernir sobre a realidade interior, já que se encontra naufrago em situações externas, numa falsa liberdade e no imediatismo. Acontece, então, a negação de si mesmo e por consequência a instabilidade e a angústia. “a saída desse estágio não consiste em fugir do temporal e, sim, em relacionar-se com o Absoluto no meio da própria existência temporal” (Idem, p. 17). Eis a via apresentada por Kierkegaard, uma vez que é justamente na harmonia do ser finito com o Ser Infinito, ou seja, do homem com Deus, que ele encontra a saída. É preciso ressaltar a necessidade da escolha, é o indivíduo que opta, é ele e somente ele que é capaz de assumir a síntese da sua autêntica existência. Do contrário, estará subjugado ao mundo ilusório e infeliz.

O desregrado apelo da entidade humana à sua animalidade combativa e à sua personalidade egoísta está sendo desafiado e atacado por forças mundiais e convertido em causa do seu próprio sofrimento psíquico (BRUNTON, 1970, p. 63).

No Estágio Ético, o indivíduo, a partir de uma reflexão, exprime toda a sua insatisfação com a realidade. Neste estágio, ele não se põe como mero observador passivo do real, mas, evidencia a necessidade de mudança do seu próprio ser. Todavia, cabe ao indivíduo assumir com responsabilidade sua própria vida, ao mesmo tempo em que responde conscientemente por sua culpa e ação. E no estágio ético que o homem de fato começa a existir, uma vez que confirma sua identidade, nessa ligação do que lhe é externo e interno e é nesse instante que há a percepção de que o esteta estava imbuído de uma escravidão com disfarce de liberdade. Encontrar a autenticidade de sua existência é, precisamente, a capacidade de pôr-se interiormente como centro da realidade de liberta-se das suas próprias cadeias através da consciência. No estágio ético, o homem reassume o controle da sua vida, doravante, não há uma ausência de prazer, mas agora o indivíduo direciona, opta, põe limites em seu ato, é responsável por si mesmo, por sua família, pelo grupo social em que vive, e não é objeto dos seus impulsos. Por sua vez, todo este ato legal, esta ordem preestabelecida ainda se torna insuficiente para a realização humana, o que para Kierkegaard é impossível encontrar a plena realização existencial neste estágio, pois é exatamente no estágio ético que surge o conflito agudo entre as exigências da universalidade e da interioridade. O Homem ético está sujeito às regras morais, às convenções sociais e as responsabilidades assumidas diante do grupo em que está inserido. Estes atos legais, por sua vez, ainda não são suficientes para a realização do indivíduo e incapaz de dá verdadeiro sentido à sua vida. “É impossível encontrar a plena realização existencial neste estágio, pois é exatamente no estágio que surge o conflito agudo entre as exigências da universalidade e da interioridade” (RANSON, 1975, p. 19). Aqui se encontra o princípio da crise, pois o indivíduo esforça-se para recobrar sua singularidade perante a moralidade universal e é o universal que estabelece critérios de conduta que possam corresponder às expectativas da sociedade. O homem depara-se com sua condição de subordinado aos projetos da coletividade. Sua individualidade, no entanto, é negada pelo que lhe é alheio. Vê-se tomado pela impotência frente à realidade e busca retomar à subjetividade. Este processo é angustiante, portanto, tanto o estágio estético, quanto o ético são marcados pela angústia.

Entretanto, faz-se necessário dar um salto para outro estágio, o religioso, e é este que marca toda a obra de Kierkegaard. Seu objetivo é tratar sobre a relação com o Absoluto a partir da fé.

Eu fui e sou um autor religioso e toda a minha obra se refere ao Cristianismo. Se um leitor pensa compreender e avaliar perfeitamente minha produção estética tornando separadamente, ele erra completamente ao meu respeito, porque não vê na totalidade religiosa de minha obra. Pelo contrário, se um leitor compreende um ou outro tratado estético, sua incompreensão torna-se puramente acessória (KIERKEGAARD, Apud, Dalle Nogare, 1985, p. 125).

De acordo com o filósofo, o estágio religioso põe o indivíduo numa relação direta com Deus, e sendo um homem de fé, acolhe sua vontade e obedece de maneira plena. Por isso, Abraão é o grande exemplo retomado por Kierkegaard. É ele o pai da fé, que oferece a Deus seu bem mais precioso, seu próprio filho. Ele se encontra envolto de amor e afeição por Isaac, mas é ao mesmo tempo tomado por uma entrega incondicional à vontade de Deus e

nisso apresenta-se o paradoxo da fé, que é a incidência de vertentes que se diferem no mesmo indivíduo. O paradoxo é, portanto, uma realidade existencial.

No estágio religioso insurge um rompimento com o efêmero, não há elaboração de regras mediadas pela filosofia, não é mais a voz humana que ecoa dando significado à existência. O sujeito religioso é capaz de fazer o salto para o Infinito à medida que rompe com o temporal, mesmo consciente de que o ama. Abraão, exemplo de amor pelo filho, em obediência o apresenta em sacrifício, mas não o perde. Tem-se, assim, uma ligação entre o contingente e o necessário, entre o temporal e eterno e isso eleva Abraão acima do geral. Perdido de amor pelo filho e obstinado pela sua fé, resignado pela confiança no Absoluto, realidade paradoxal que torna incompreensível o homem religioso, distante de qualquer reflexão, lei, conceitos, especulações. Aqui, o que predomina é a fé que torna o indivíduo livre, uma vez que, a experiência da fé o insere na dimensão temporal a partir de uma nova perspectiva, a do Absoluto, do sofrer e permanecer crendo. Kierkegaard toma como exemplo o Cristianismo e o escândalo que este possibilitou à humanidade. Assim, no Cristianismo o homem assume em plenitude seu paradoxo, pois é o encontro de finito e infinito, de temporal e eterno, de lógico e absurdo. Não é possível conceber a fé sem o paradoxo. Ressalta-se assim, a grandeza do Cristianismo, que ultrapassa uma simples elaboração conceitual ou um conjunto de normas preestabelecidas. O Cristianismo é essencialmente existencial e seu paradoxo encontra-se na pessoa de Cristo, seu expoente. Ele é a plenitude do paradoxo e do absurdo: inteiramente Deus e homem, vida e possibilidade de morte. O Cristianismo configura-se por aquilo que lhe é peculiar, o absurdo e toda sua linguagem é precisamente o absurdo. No Cristianismo o homem se depara com uma profunda realidade existencial que constitui em diferentes vertentes e que se encontram para a elevação do ser humano. Primeiro ele está à frente do grande absurdo que é a fé, e esta é capaz de lhe conceder uma resposta a partir do paradoxo do rebaixamento do Absurdo, na pessoa de Jesus Cristo, em relação à natureza humana. O paradoxo do Deus-homem compõe uma desordem no pensamento filosófico, ao mesmo, que esclarece a todo homem a possibilidade de assumir sua condição enquanto humano vislumbrada na humanidade de Cristo.

E preciso, então, contrapor a toda doutrina que incita a redução do Cristianismo a meros conceitos doutrinários ou normativos. O que de certo modo choca o homem natural é que no Cristianismo depara-se com a síntese, de maneira nunca pensada. Pois um só indivíduo (Cristo) ressalva em si mesmo esta dimensão humana, com todas as implicações emocionais, afetivas, com a capacidade de desejos, alegrias, tristezas, angústias, ao mesmo tempo em que se contrapõe ao sistema de opressão social, se compadece do sofrimento dos outros. Porém, vive intensamente o caminho de interioridade esboçada na liberdade diante da vida, que lhe assegura uma postura de escândalo, de paciência, de humildade, mesmo frente ao suplício da cruz.

Todo conhecimento cristão, por escrito que seja de resto a sua forma, é inquietação e deve sê-lo; mas essa mesma inquietação edifica. A inquietação é o verdadeiro comportamento para a vida, para com a nossa realidade pessoal e, conseqüentemente, ela representa, para o cristão, a serenidade por excelência (KIERKEGAARD, 1974, p. 331).

Portanto, a adesão a esta realidade faz surgir no indivíduo uma nova maneira de viver sua angústia, apresentando-se numa postura assinalada pela liberdade interior da fé, uma vez que ele fez a grande escolha, que fora a de optar por si mesmo, optando por Cristo. Assim, sua angústia se reveste de grandeza conduzindo-o aos atos heróicos, já que sua serenidade e fé se sobrepõem às demais ameaças.

O Cristão, por sua vez, vive sua fé na dimensão do ser, não se reduzindo a um simples agir ou a prática externa e superficial. Nisso, ele usufrui vantagem frente ao homem comum ou natural, pois este último, não transcende o que é imediato e sendo natural e profundamente imanente, sua angústia assume dimensões monstruosas, e ele se desespera por não encontrar subsídios para enfrentá-la. O cristão vive a contemporaneidade de Cristo, pois o Cristianismo torna Cristo atual. Porquanto, o saber histórico procura conhecer a Cristo de maneira equivocada, seus resultados, são sempre imprecisos e não dão conta da grandeza e profundidade do mistério. À Cristo não pode ser aplicada uma explicação pautada no metro da história, mas a partir da fé e do paradoxo do absurdo. A contemporaneidade de Cristo não se mede pelo regresso cronológico, mas no sentido de relação. Podemos dizer que o cristão vive a Presença constante com o Absoluto. Assim, tornar-se contemporâneo de Cristo e afirmar que ele não é sufocado pela história, vencido por correntes ideológicas, uma vez que estas não podem romper com a contemporaneidade do cristão. Daqui decorre uma tomada de consciência do seu próprio eu, não um simples eu humano, mas um eu teológico, ou seja, um homem sobrenatural, pois está em união com deus, e Nele reconhece seu pecado, que assim, o angustia por não ser ainda o que deseja. “somente a consciência de estar perante Deus, reciprocamente à ideia de Deus faz do nosso eu concreto individual, um eu infinito” (KIERKEGAARD, 1974, p. 384). O homem natural é, de antemão, um ser atormentado e ainda não entrevê uma relação direta com o infinito. Sua aflição consiste nessa incessante busca por algo que lhe é superior, porém, não conseguindo identificar o que lhe falta, entrega-se ao natural pensando haver uma correspondência. Há então, uma frustração que o aborrece porque sempre sua existência reclamará pelo Absoluto. Desse modo, sua angústia é a ausência da fé. Busca-se refugiar-se em algumas virtudes pensando serem elas oposição ao pecado. O fato é que não estar perante Deus, o assenta numa condição de grande vazio, sobrepõe, portanto, uma cegueira da sua própria consciência. Nesse sentido, poderá expressar um profundo fechamento de si, desencadeando o desespero, passando a ter uma postura contra Deus. O homem, entretanto, numa situação de autossuficiência e independente do Absoluto entrega-se a si mesmo ao seu ser desesperado.

O homem natural pode enumerar à vontade tudo que é horrível e tudo esgota, o cristão ri-se da soma. A diferença que há entre o homem natural e o cristão é semelhante a da criança e do adulto. O que faz temer a criança nada é para o adulto. A criança ignora o que seja horrível, o homem sabe e teme. O defeito da infância está em primeiro lugar, em não conhecer o horrível, e em seguida, devido a sua ignorância, em temer pelo que não é para fazer temer. Assim o homem natural; ele ignora onde de fato faz horror, o que todavia não o livra de temer, mas é do que não é horrível que ele treme. Dá-lhe o Cristianismo uma coragem ignorada pelo homem natural-coragem recebida com o receio dum grau de horrível. Certo que a coragem a todo foi dada; e que o receio de um maior perigo nos dar força para alcançar o menor; e que o infinito temor de um perigo nos torna como inexistentes todos os outros (KIERKEGAARD, 1974, p. 334).

Portanto, Kierkegaard, em toda a sua abordagem a respeito do existencialismo, busca resgatar o sentido da relação entre o homem e Deus, que acontece de maneira singular e intensa no Cristianismo.

Conclusão

O pensamento filosófico existencialista de Kierkegaard surge como prerrogativa de resposta ao homem, considerando, antes de tudo, suas questões práticas e individuais, o que lhe é de antemão, substancial. Não é possível, segundo o filósofo, elaborar uma filosofia pondo à margem o que é intrínseca a interioridade do homem, o que o define numa verdade ontológica. Seu ser é inevitavelmente angustiado e não se pode pensá-lo de outro modo, já que excluir esta realidade seria pôr o indivíduo numa dimensão estática. Assim, rejeitaria de sua existência o movimento que o diferencia dos demais animais, que é a capacidade de escolher, de divisar as possibilidades de si mesmo, de perceber-se dentro de um processo de construção interna que reclama a todo instante à síntese, ou seja, a união do finito e infinito, temporal e eterno.

O percurso do existir e entender-se como existente se consolida numa consciência de si, e esta é alcançada no suplicio da angústia, na insatisfação com o agora, no vislumbamento daquilo que pode ser alcançado, ou vir existir de maneira concreta. O homem contemporâneo, perdido no mundo externo, no imediatismo, no materialismo, pode, segundo o pensador, livremente tomar consciência do seu eu. E esta lhe assegura uma nova postura frente à sua própria existência, pois o remete a uma ligação com o Eterno e isso perpassa não só os aspectos lógicos e racionais, mas, fundamenta-se no absurdo de sua condição mais intensa que é o paradoxo. Predomina-se na tentativa de assentar a alocação filosófica à práxis, aproximado o homem dos seus sentimentos e desejos. Assim sendo, podemos afirmar que este trabalho possibilitou um desenvolvimento humano, uma compreensão mais elaborada do seu comportamento e nas nuances que comportam sua existência.

Portanto, é nesta dimensão e só pode sê-lo que o homem encontra a plena humanização, tendo como referencial o Cristo. Uma vez afastado desse modelo, o indivíduo oculta-se a si mesmo de sua humanidade mais densa.

Referências Bibliográficas

- BRUTON, Paul. *A Crise Espiritual do Homem*. São Paulo: ed. Pensamento, 1970.
- DALLE, Nogare. *Humanismo e Anti-Humanismo*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: ed. Pensamento, 1996.
- MENSNARD, Pierre. *Kierkegaard*. Lisboa: edições 70, 1991.
- KIERKEGAARD, Soren. *O Desespero Humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- KIERKEGAARD, Soren. *Temor e Tremor*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

RANSON, Thomas. *História do Existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: ed. da Universidade de São Paulo – EDUSP, 1975.